

## **GÊNEROS TEXTUAIS PARA A PRODUÇÃO DE TEXTOS ESCRITOS NO LIVRO DIDÁTICO**

Laice Raquel DIAS

Universidade Federal de Goiás – Campus Avançado de Catalão

[laicerd@hotmail.com](mailto:laicerd@hotmail.com)

**Resumo:** Este trabalho foi desenvolvido no intuito de observar se os gêneros textuais para produção de textos escritos são encontrados no Livro Didático de maneira a abranger as expectativas e direcionamentos propostos pelos PCNs, à luz das definições de Bakhtin (2000) e Marcuschi (2005, 2008).

**Palavras-chave:** Gêneros Textuais; Livro Didático; Escola; Programa Nacional do Livro Didático; Parâmetros Curriculares Nacionais.

### **1 Introdução**

Entende-se por Gêneros Textuais entidades de natureza sociocultural que materializam a língua em situações comunicativas diversas. É um campo de estudo que tem recebido uma maior atenção nos últimos anos, devido à percepção de sua relevância para o ensino de língua portuguesa e funcionalidade na vida cotidiana, nas incontáveis áreas que esta abrange.

No cenário da educação, visualiza-se o livro didático como principal instrumento utilizado pelo professor para mediar o ensino da Língua Portuguesa e, em seu contexto, os Gêneros Textuais.

Constitui-se desta pesquisa a análise dos Gêneros Textuais para produção de textos escritos presentes no livro didático do nono ano do ensino fundamental, como são trabalhados e a maneira como estão dispostos no livro, se alguns gêneros são privilegiados e outros deixados de lado, no intuito de apontar as contribuições do Gênero Textual para o ensino/aprendizado de Língua Portuguesa, tendo como principal referência os apontamentos feitos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais.

### **2 Gêneros textuais: uma apresentação geral**

O estudo dos gêneros textuais teve maior atenção a partir do trabalho de Mikhail Bakhtin e seu círculo<sup>1</sup> sendo considerado como referência para a pesquisa sobre gêneros até os dias atuais. Antes deste pesquisador, os estudos se concentravam na área da retórica, gramática e literatura sem, no entanto, a devida preocupação com a “natureza lingüística do enunciado” (BAKHTIN, 2000, p.280). Podem ser destacados como também colaboradores nos estudos sobre gêneros: Bernard Schnewly, Joaquim Dolz, Luiz Antônio Marcuschi, Roxane Rojo, Rosângela Hammes Rodrigues, entre outros.

Marcuschi (2005, p.19) aponta os gêneros textuais como “entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis de qualquer situação comunicativa”. Assim, os gêneros surgem como formas da comunicação, atendendo a necessidades de expressão do ser humano, moldados sob influência do contexto histórico e social das diversas esferas da comunicação humana. Tendo isso em vista, nota-se que os gêneros são dinâmicos e

---

<sup>1</sup> Entende-se como o círculo de Bakhtin os pesquisadores contemporâneos a ele que desenvolveram com este autor trabalhos e estudos. Nesta pesquisa, deste círculo, apenas Bakhtin será apresentado devido a sua repercussão no campo dos gêneros e porque é atribuída a ele a autoria a maioria dos textos produzidos pelo círculo. Ver Rodrigues (2005, p.154).

podem se modificar com o passar do tempo, bem como também podem surgir e desaparecer e se diferenciar de uma região, ou cultura, para outra. O grande desenvolvimento da tecnologia, por exemplo, resultou numa série de novos gêneros que atendem às inúmeras situações comunicativas que surgiram, como o e-mail, as conversas por computador, os recados de orkut, etc. Para Bakhtin (2000) os gêneros materializam a língua. A língua, por sua vez, está vinculada à vida. Os gêneros portam-se, então, com o elo entre a língua e a vida.

Os gêneros textuais são de uma heterogeneidade imensa, variam do simples diálogo informal até as teses de doutorado, por exemplo. De acordo com Marcuschi (2008) não há comunicação que não seja feita através de algum gênero. Nesse sentido, Bakhtin (2000) afirma que os gêneros estão no dia a dia dos sujeitos falantes, os quais possuem um infindável repertório de gêneros, muitas vezes usados inconscientemente. Até nas conversas mais informais, por exemplo, o discurso é moldado pelo gênero.

É por tamanha importância, que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) propõem que no ensino de língua portuguesa estejam presentes os gêneros textuais, de maneira que:

Nessa perspectiva, necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas. A compreensão oral e escrita, bem como a produção oral e escrita de textos pertencentes a diversos gêneros, supõem o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino. É preciso abandonar a crença na existência de um gênero prototípico que permitiria ensinar todos os gêneros em circulação social. (BRASIL, 1998, p.23, 24)

Tomando a perspectiva apontada pelos PCNs, faz-se necessário que, nesta pesquisa, sejam observadas com maior atenção, para a compreensão clara da definição de gêneros textuais, as abordagens de Marcuschi (2005, 2008) e Bakhtin (2000), dadas suas respectivas influências no campo dos estudos sobre gêneros: Marcuschi, por ser o principal referencial deste trabalho e Bakhtin, por sua grande representação e influência, não só para Marcuschi, mas para todo estudo sobre gêneros.

### **3 A abordagem de Bakhtin**

Encontra-se em Bakhtin (2000) que o ser humano em quaisquer de suas atividades vai servir-se da língua e a partir do interesse, intencionalidade e finalidade específicos de cada atividade, realizará enunciados lingüísticos de maneiras diversas. As esferas de atividade humana (esferas sociais de comunicação ou ainda, esferas comunicativas) são variadas e, para cada uma delas, tem-se condições comunicativas suscitadas para atender a necessidade do ser humano de expressar-se. É importante esclarecer que as esferas mencionadas se caracterizam como formas de organização e distribuição dos diferentes papéis e lugares sociais nas instituições e situações em que se produzem os discursos.

As condições comunicativas das esferas sociais (científica, ideológica, oficial, cotidiana, etc) produzem seus “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2000, p.279), a estes, Bakhtin (2000) chama de gêneros do discurso ou discursivos. Para este autor, os gêneros do discurso materializam a língua. A língua, por sua vez, está vinculada à vida. Os gêneros portam-se, então, como entre a língua e a vida.

Os gêneros discursivos estão presentes em todos os atos de comunicação feitos por meio da fala ou da escrita. É que se observa em Bakhtin (2000, p.279) quando este autor aponta que a utilização da língua se dá através de enunciados pertencentes a uma esfera da

atividade humana e que refletem os objetivos comunicativos dessas esferas, os gêneros são os tipos, as formas como os enunciados são utilizados. Os gêneros estão no dia-a-dia dos sujeitos falantes, os quais possuem um infindável repertório de gêneros, muitas vezes usados inconscientemente. Até nas conversas mais informais, por exemplo, o discurso é moldado pelo gênero.

Nesse sentido, Bakhtin (2000) afirma que os enunciados são formados por conteúdo temático, estilo verbal e construção composicional, o que torna a concepção de cada um imprescindível para a compreensão da proposta de gêneros discursivos deste autor. A esse respeito Rodrigues (2005, p.167) diz que o tema refere-se a objetos do discurso. O conteúdo temático é, então, o assunto de que vai tratar o enunciado em questão, a mensagem transmitida. O estilo verbal caracteriza-se pela “seleção dos recursos léxicos, fraseológicos e gramaticais da língua”, ou seja, leva em conta questões individuais de seleção e opção: vocabulário, estruturas frasais, preferências gramaticais. Por fim a construção composicional é formada pelos “procedimentos composicionais para a organização, disposição e acabamento da totalidade discursiva e da relação dos participantes da comunicação discursiva”. Ela alude à estrutura formal propriamente dita.

Bakhtin (2000, p.285), ao denominar os gêneros do discurso como tipos *relativamente* estáveis de enunciados, mostra que tais tipos podem sofrer modificações. As sociedades se desenvolvem, sofrem influências de outras culturas, ou de outros tantos fatores com que a língua tem relação direta, ou simplesmente mudam com o passar do tempo. Para este autor:

As mudanças históricas dos estilos da língua são indissociáveis das mudanças que se efetuam nos gêneros do discurso.(...) Os enunciados e o tipo a que pertencem, ou seja, os gêneros do discurso, são correias de transmissão que levam a história da sociedade à história da língua.

A alteração dos gêneros é, portanto, inevitável, pois estes estão relacionados às práticas sociais, de modo que as mudanças na vida social implicam mudanças nos gêneros. Sendo assim, é fundamental perceber o gênero como um produto social e como tal, heterogêneo, variado e suscetível a mudanças.

A heterogeneidade dos gêneros é imensa, afinal cada esfera da atividade humana produz gêneros que lhe são necessários. Tendo em vista as incontáveis relações sociais presentes em cada cultura e como conseqüência a enorme variedade de gêneros, Bakhtin (2000, p.280) os divide em dois grupos: primários e secundários.

Não há razão para minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso e a conseqüente dificuldade quando se trata de definir o caráter genérico do enunciado. Imporá, nesse ponto, levar em consideração a diferença essencial existente entre o gênero do discurso *primário* (simples) e o gênero do discurso *secundário* (complexo).

Os gêneros primários relacionam-se às situações comunicativas cotidianas, espontâneas, informais, como a carta, o bilhete, o diálogo cotidiano. Outro aspecto que se observa nos gêneros primários é sua função imediata, a qual Rodrigues (2005, p.169) chama “ideologia do cotidiano (as ideologias não formalizadas e sistematizadas)”.

Os gêneros secundários se constituem como situações comunicativas mais complexas. Esses gêneros estão “no âmbito das ideologias formalizadas e especializadas, que, uma vez constituídas ‘medeiam’ as interações sociais: na esfera artística, científica, religiosa, jornalística, escolar etc” (RODRIGUES, 2005, p.169). Trata-se, então, do uso mais elaborado da linguagem para construir uma ação verbal em situações de comunicação mais complexas.

De acordo com Bakhtin (2000), os gêneros secundários podem absorver e modificar os gêneros primários, justamente porque os secundários possuem um grau de complexidade maior. Desta feita, quando um gênero primário é incorporado por um secundário, ele passa a fazer parte do gênero secundário e a sua relação com a realidade será também a partir de sua localização no gênero complexo. Bakhtin (2000, p.281) relata essa transmutação dos gêneros primários da seguinte maneira:

Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios(...).

É importante lembrar que a matéria dos gêneros primário e secundário é a mesma: os enunciados verbais. O que os diferencia é o grau de complexidade e elaboração em que se apresentam.

Ainda sob o olhar bakhtiniano dos gêneros discursivos, tem-se a idéia de que a comunicação humana é o fruto da necessidade que os indivíduos têm em expressar-se. Assim, a classificação de emissor – aquele que fala – e receptor – aquele que ouve – fica comprometida. Bakhtin (2000, p.291) propõe que: “A língua só requer o locutor – apenas o locutor – e o objeto de seu discurso, e se, com isso, ela também pode servir de meio de comunicação, esta é apenas uma função acessória, que não toca à sua essência”.

A partir dessa ótica, tem-se o que Bakhtin (2000, p.290) chama de “atitude responsiva ativa”, caracterizada pelas inferências que o “receptor” faz durante um processo comunicativo real. Essa postura ativa, que torna o receptor também um emissor, se dá pela compreensão do discurso que é apresentado, porque “toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se locutor” (BAKHTIN, 2000, p.290). É necessário, aqui, lembrar que nem toda resposta é um ato fônico. Para Bakhtin (2000) ela pode vir como uma ação, por exemplo, quando um soldado ouve uma ordem de seu superior, a compreende e executa.

Pelo que foi contemplado anteriormente, a perspectiva bakhtiniana acerca dos gêneros discursivos se caracteriza, então, por relacionar a comunicação humana, que é feita através dos gêneros, a influências histórico-sociais atendendo a objetivos específicos das esferas sociais existentes nas culturas. Nas palavras de Rodrigues (2005, p.166), os gêneros são sim produtos culturais, “mas são antes uma atividade social de linguagem, modos de significar o mundo (os gêneros apresentam uma visão do mundo). Como modos sociais de ação (atos sociais) e de dizer, os gêneros ‘regulam’, organizam e significam a interação”.

#### **4 A abordagem de Marcuschi**

Luiz Antônio Marcuschi trata o estudo dos Gêneros Textuais como algo antigo. Marcuschi (2008, p.147 e 148) traça um histórico da primeira noção de Gênero Textual, ou Discursivo, mais sistematizada, com Aristóteles, em que há três Gêneros de Discurso Retórico: *discurso deliberativo* – com a função de aconselhar ou desaconselhar –, *discurso judiciário* – para acusação, defesa e reflexão sobre os fatos passados – e o *discurso demonstrativo* – utilizado para elogio ou censura, expresso em tempo presente.

A partir desse olhar, Marcuschi (2008, p.149) apresenta sua definição de Gêneros Textuais, que, em suma, mostra-os como “formas de ação social”. Mas, como este autor mesmo coloca, a definição formal dos Gêneros é algo muito difícil. É quando ele propõe que,

dependendo do sentido em que se observa, os Gêneros Textuais podem ser: *uma categoria cultural, um esquema cognitivo, uma forma de ação social, uma estrutura textual, uma forma de organização social e/ou uma ação retórica.*

Marcuschi (2008) sugere esse ponto de vista abrangente baseado no fato de que os Gêneros Textuais são entidades sócio-discursivas imprescindíveis a qualquer situação comunicativa, seja ela escrita ou verbal. De acordo com esse autor, é impossível não se expressar através de textos. Os Gêneros Textuais se configuram como textos sócio-comunicativos utilizados no dia-a-dia. Seguindo esta linha de raciocínio, pode-se dizer que toda comunicação ocorre por meio de Gêneros textuais.

Assim, toda a postura teórica aqui desenvolvida insere-se nos quadros da hipótese sócio-interativa da língua. É neste contexto que os gêneros textuais se constituem como ações sócio-discursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo. (MARCUSCHI, 2005, p.22)

Como entidades sócio-discursivas, os Gêneros manifestam, inclusive, as regras de funcionamento e até de controle da sociedade. Segundo Marcuschi (2008), nota-se que determinados Gêneros expressam o exercício do poder social e cognitivo realizados por alguns segmentos dando maior ou menor legitimidade ao discurso. Nota-se, por exemplo, que os textos passados de simples dizeres para um artigo científico, uma publicação em alguma revista especializada ou em um jornal, ganham maior reconhecimento. Fato este que ocorre porque, os gêneros citados anteriormente – artigo científico, revista especializada e jornal – possuem uma série de características que a sociedade letrada considera importantes num trabalho sobre algum tema. Quanto a isso, Marcuschi (2005, p.29) afirma: “...os gêneros textuais operam, em certos contextos, como formas de legitimação discursiva, já que se situam numa relação sócio-histórica com fontes de produção que lhes dão sustentação muito além da justificativa individual”.

Faz-se pertinente ressaltar, então, que não são os Gêneros que controlam uma sociedade. Eles apenas materializam as ações comunicativas e estas é que são produzidas por determinada forma de organização social, o que reitera a idéia de Gêneros como produtos sociais.

#### **4.1 Gênero textual, tipo textual e domínio discursivo**

Encontra-se em Marcuschi (2008) uma diferenciação entre Gênero Textual, Tipo Textual e Domínio Discursivo. O autor faz questão de deixá-los bastante claros porque são termos que permeiam a pesquisa sobre Gêneros. Segue a concepção de cada um separadamente a fim de que seja possível perceber suas diferenças.

Os Gêneros Textuais tratam da materialização dos textos em situações comunicativas. Caracterizam-se muito mais por sua funcionalidade na ação de comunicar-se que por uma seqüência lingüística. Marcuschi (2005, p.30) observa: “Os gêneros não são entidades naturais como as borboletas, as pedras, os rios e as estrelas, mas são artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano”. Por se embasarem nas culturas humanas, os Gêneros podem variar de uma sociedade para outra, com toda certeza variam de um contexto histórico para outro e são ainda capazes de surgir, se modificar e desaparecer. São exemplos de Gêneros: carta pessoal, reportagem, e-mail, sermão, receita culinária, bilhete, piada, edital de concurso, diálogo informal, bula de medicamento, resenha, inquérito policial, conversas por computador, etc.

Os Tipos Textuais, por sua vez, são caracterizados por se apresentarem como seqüências lingüísticas. Marcuschi (2008, p.154) chama-os de “modos textuais”. Sua formação é marcada por “aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas”

(2005, p.22). É um conjunto bastante limitado, abrangendo as categorias de narração, argumentação, descrição, exposição e injunção. Um texto é classificado como pertencente a alguma dessas categorias quando há predominância de elementos que as caracterizam. Assim, o texto pode não apresentar em seu conteúdo um único tipo textual, e é o que, de fato, mais acontece. A presença de mais de um tipo no texto é um assunto que será tratado com maior especificidade posteriormente nesta pesquisa.

Nota-se, portanto que a flexibilidade encontrada nos Gêneros não faz parte da categoria dos Tipos, sendo que os Gêneros abrangem uma quantidade muito maior e são quase incontáveis.

O Domínio Discursivo abrange uma esfera de comunicação que não se restringe a um único Gênero, podendo resultar no surgimento de vários deles em dada rotina comunicativa. De acordo com Marcuschi (2008, p. 194)

...entendemos como *domínio discursivo* uma esfera da vida social ou institucional (religiosa, jurídica, pedagógica, política, industrial, militar, familiar, lúdica, etc.) na qual se dão práticas que organizam formas de comunicação e respectivas estratégias de compreensão.

Diz-se ainda dos Domínios Discursivos que cada campo social ou institucional possui seus modelos de comunicação de acordo com suas necessidades. Esses modelos são os gêneros textuais e os campos sociais são os domínios. Assim os gêneros estão contidos no Domínio Discursivo.

O autor coloca ainda que alguns Gêneros podem fazer parte de mais de um Domínio Discursivo, enquanto outros não possuem a mesma flexibilidade. A partir dessa observação constata-se que em certos ambientes circulam determinados Gêneros e em outras situações são utilizadas modalidades discursivas completamente diferentes. Isso ocorre porque os Domínios Discursivos consolidam-se através de um contexto histórico-social e organizam as práticas sociais comunicativas.

Entende-se a partir da reflexão apresentada que, tipo, gênero e domínio discursivo harmonizam-se no texto de maneira que este é escrito sob determinada forma lingüística, ou seja, tipo textual, atende a um objetivo comunicativo e por isso pertence a um gênero, e está compreendido em uma esfera social da qual o gênero faz parte, o domínio discursivo.

#### 4.2 Gêneros orais e escritos

Os Gêneros podem ser encontrados nas formas oral e escrita. Pode-se dizer, da oralidade, que é marcada por um saber social comum de como empregar os Gêneros. De acordo com Marcuschi (2008), mesmo que o falante não possua uma saber técnico ele é capaz de se comunicar e ser compreendido por seu interlocutor. Algo que acontece porque os Gêneros textuais não são criados por um falante, eles resultam de “formas socialmente maturadas em práticas comunicativas na ação languageira” (MARCUSCHI, 2008, p.189).

É assim que algumas formas lingüísticas são facilmente reconhecidas, por estarem histórico e socialmente já consagradas como marcas de alguns Gêneros. É o caso de expressões como: *era uma vez* (designando o início de uma narrativa); *adicione duas claras em neve* (para uma receita culinária); *alô, quem fala?* (numa ligação telefônica); entre outros tantos exemplos.

Marcuschi (2008) coloca que os estudos sobre os Gêneros orais são ainda escassos e recentes, mas que é necessário realizá-los justamente por estarem diretamente ligados com o conhecimento comum dos falantes.

Os Gêneros escritos estão presentes com intensidade nas culturas letradas e compõem um campo mais aberto de pesquisa, já que os estudos são suscitados nestas culturas.

Ao produzir um texto escrito, em determinado Gênero, o indivíduo é condicionado a escolhas e não tem total liberdade para produzi-lo. Isto ocorre porque há determinados parâmetros lexicais, formais e característicos dos Gêneros escritos que limitam a ação de quem escreve. Por outro lado, é plausível que o indivíduo seja criativo em suas escolhas e saiba aplicar no texto as variedades que lhe são possíveis.

A escrita também é consagrada por legitimar os discursos. Como entidades que refletem as situações sociais de uma sociedade, não poderia ser diferente no mundo letrado coordenado pela “palavra documentada”.

Os Gêneros orais e escritos relacionam-se. Para compreender essa relação, Marcuschi (2008) esclarece o que os difere. Expressar um Gênero através da fala não garante que ele pertença a essa esfera, e o mesmo vale para o escrito. O que dá tal classificação para o Gênero é a forma em que se originou. Um texto jornalístico, por exemplo, não deixa de ser *um texto escrito* só porque foi apresentado em um telejornal.

Vale salientar que, embora se relacionem, fala e escrita não são idênticas. Há Gêneros pertencentes às culturas orais que jamais entrarão nas culturas tipicamente escritas e vice-versa. Há também que se atentar para o fato de que, nem sempre, a fala reproduzirá a escrita ou a escrita reproduzirá a fala. É preciso compreender que a relação entre essas duas maneiras de comunicar-se permite que caminhem juntas sem anular as peculiaridades de uma ou outra.

### 4.3 Intergenericidade

Marcuschi (2008) aponta que os Gêneros Textuais não podem ser considerados estanques, mas sim como entidades dinâmicas da materialização de ações comunicativas. Não é absurdo, portanto, dizer que eles podem se hibridizar a fim de atingir certos objetivos comunicativos.

Koch e Bentes (2007, p.64) reforçam esse conceito, colocando que em diversas situações utiliza-se “gênero(s) pertencentes a outras molduras comunicativas, evidentemente, com o objetivo de produzir determinados efeitos de sentido”. Afirma ainda que o autor dos textos em que a intergenericidade está presente, ao utilizar-se deste artifício, pressupõe um conhecimento prévio, por parte de seus leitores, dos gêneros que lhes são apresentados. Estar a par do contexto em que o texto foi produzido é também de extrema relevância. Caso não haja esta noção de gêneros e contexto, não haverá produção de sentido e, por conseguinte, comunicação.

A partir desse ponto de vista tem-se que a intergenericidade se caracteriza por uma situação em que um Gênero assume a função de outro. Marcuschi (2008) frisa bastante a questão da publicidade e do jornalismo, que se utilizam com frequência deste recurso. Um artigo de opinião, por exemplo, pode vir em forma de poema, um texto publicitário pode se apresentar como uma receita culinária e diversas outras possibilidades existem.

O autor chama a atenção para a diferença entre a intergenericidade e a heterogeneidade tipológica. A heterogeneidade tipológica ocorre quando há presença de mais de um tipo no texto e, geralmente, um gênero não é formado por um único tipo textual. Observa-se em Koch e Bentes (2007, p.77) exemplos específicos de heterogeneidade tipológica:

Assim, por exemplo, num conto ou num romance, vamos encontrar, a par das seqüências narrativas, responsáveis pela ação propriamente dita (enredo, trama), seqüências descritivas (descrições de situações, ambientes, personagens), expositivas (intromissões do narrador); peças jurídicas como a petição inicial ou a contestação vão conter, normalmente, seqüências narrativas, descritivas, expositivas e argumentativas; num manual de

instruções encontrar-se-ão, pelo menos, seqüências injuntivas e descritivas, e assim por diante.

Por conta dessa forma híbrida de se apresentar – os textos vivem em interação constante, – a identificação dos Gêneros e sua classificação fica um tanto mais complexa, como argumenta Marcuschi (2008, p.166). Nesses casos o que predomina para denominação é a função exercida.

## 5 A escolha dos gêneros para o ensino

Como já foi dito anteriormente, os gêneros textuais compõem uma lista quase infindável. É, portanto, uma questão bastante delicada decidir quais deles colocar no currículo escolar.

De acordo com Marcuschi (2008) não há gêneros ideais para o ensino. Pode-se, entretanto, identificar exemplares genéricos que permitem uma progressão no grau de dificuldade, partindo do mais simples para o mais complexo. Este autor também faz questão de frisar sua preocupação em que sejam escolhidos gêneros voltados para a compreensão de textos e também para a produção, de forma cuidadosa, visto que são atividades que exigem habilidades diferenciadas.

A grande variedade de gêneros textuais é levada em consideração também nos PCNs, e a escolha dos exemplares genéricos a serem ensinados está intimamente relacionada com as habilidades de fala e escuta, leitura e escrita. Para tal, os PCNs propõem quadros de agrupamentos de gêneros que podem ser utilizados como orientação nesse processo de ensino. Tais agrupamentos de gêneros são separados de acordo com a função desejada (prática de escuta e leitura e prática de produção textual). São escolhidos, separadamente, gêneros para linguagem oral e escrita. Para cada um dos dois tipos de linguagem, selecionam-se gêneros das esferas literária, de imprensa, de divulgação científica e de publicidade. De acordo com os PCNs (Brasil, 1998) o aluno que dominar os gêneros de circulação nesses quatro aspectos terá alcançado os objetivos de ensino propostos.

Sendo o foco deste artigo a produção escrita, será apresentado apenas o quadro com os agrupamentos de gêneros para a prática de produção de textos orais e escritos. Segue, portanto, a tabela (BRASIL, 1998, p. 54):

| GÊNEROS SUGERIDOS PARA A PRÁTICA DE PRODUÇÃO DE TEXTOS ORAIS E ESCRITOS |   |                   |  |
|---|---|-------------------|--|
| LINGUAGEM ORAL  |   | LINGUAGEM ESCRITA |  |
| LITERÁRIOS  | . canção<br>. textos dramáticos                       | LITERÁRIOS        | . crônica<br>. conto<br>. poema                            |
| DE IMPRENSA   | . notícia<br>. entrevista<br>. debate<br>. depoimento | DE IMPRENSA       | . notícia<br>. artigo<br>. carta do leitor<br>. entrevista |
| DE DIVULGAÇÃO   | . seminário<br>. debate                               | DE DIVULGAÇÃO     | . relatório de experiências                                |



|            |  |            |   |
|------------|--|------------|---|
| CIENTÍFICA |  | CIENTÍFICA | . esquema e<br>resumo de<br>artigos ou<br>verbetes de<br>enciclopédia |
|------------|--|------------|---|

Quanto à produção de textos escritos, existe a preocupação de que o autor (aluno) saiba o que dizer, a quem dizer e como dizer. Esses aspectos são desenvolvidos à medida que o educando entra em contato com diferentes estruturas composicionais através da transcrição (cópia), reprodução (paráfrase, resumo etc.), decalque (carta comercial, paródia etc.) e da própria produção textual escrita.

A ordem para a aplicação didática das estruturas composicionais não precisa ser, necessariamente, a que foi apresentada acima. O que não se pode perder de vista é a necessidade de iniciar e terminar o ensino de um gênero com uma produção do aluno, para avaliar e valorizar o que foi, de fato, aprendido.

## **6 Breve análise da abordagem de gêneros para produção textual escrita no livro Novo Diálogo do nono ano do ensino fundamental**

Tendo observado a definição dos gêneros textuais e a orientação dos PCNs para a seleção dos mesmos para o ensino, é necessário, agora, voltar o olhar para o Livro Didático, a fim de constatar, ou não, se a direção apontada pelos PCNs é a mesma que o livro indica.

O livro didático da Coleção Novo Diálogo, tem como autoras Eliana Santos Beltrão e Tereza Gordilho e faz parte da 1ª edição, de 2006, da editora FTD. Tem ilustrações de Rogério Borges, Marcos Guilherme Miadaira, Walter Caldeira e Ricardo Dantas. Novo Diálogo é dividido por módulos e subdivide os assuntos a serem tratados por títulos, indicando o que será feito naquele momento, como: Trabalhando a gramática, Dialogando com o texto, etc. (ver anexo 1). Convencionou-se, nesta pesquisa, chamar de sessão cada recorte incorporado por esses títulos, a fim de facilitar o tratamento diferenciado das partes do livro.

O primeiro fato que chama a atenção no Livro Didático (LD) referenciado é a quantidade de cores e ilustrações contidas nele. São realmente abundantes e usadas das mais variadas formas: fotos, desenhos, recortes de jornais, fundos de páginas coloridos... (ver anexo 2). O livro começa um novo conteúdo sempre com o número do Módulo (também chamado de Unidade em outros LDP) e uma frase sobre o tema central que será ali discutido. Segue, logo após, um ou mais textos, e nem sempre o texto principal. No primeiro capítulo, por exemplo, há a apresentação de dois pequenos textos, uma atividade, e só então é colocado o primeiro texto principal.

Os textos principais vêm acompanhados de pequenas introduções, sempre escritas de maneira a instigar a curiosidade para a leitura do texto que as segue e, para isso, contam com o design das letras em tamanho maior e formato diferente do texto. Há depois uma sessão de atividades sobre o texto, ou textos principais – como no texto 1 do módulo 2 – conforme o anexo 3. Essa sessão é chamada de “Dialogando com o texto”.

Há também outras atividades sobre textos em “Ampliando o texto”. Vale destacar que nos textos principais há um quadro falando sobre o autor e as atividades que seguem-se a estes textos possuem sugestões de leitura, e em alguns casos de filmes, do lado direito das páginas da direita, bem destacados em plano de fundo azul. Outra característica deste LD é a sessão “Dialogando com a imagem”, em que o aluno é convidado a relacionar uma imagem apresentada com o tema em discussão no módulo.

Os conteúdos de *práxis* envolvendo a norma culta e sua gramática encontram-se na sessão “trabalhando a gramática” (anexo 4). Mesmo nesta sessão, as ilustrações são muitas

e usadas até com certa comicidade para a explicação de conceitos. Seguem-se, então, os exercícios. Encontra-se neles mais textos e de variados gêneros: tirinhas, crônicas, matéria de revistas, etc.

Ao longo do volume encontram-se também as sessões “Trabalhando a ortografia” e “Trabalhando a linguagem”, que abrangem questões sobre dúvidas ortográficas da norma padrão e o estudo sobre a palavra, respectivamente. Por fim, cada módulo termina com “Produzindo textos”, em que são apresentados os mais variados textos juntamente com propostas de produção. Esta sessão é particularmente interessante por não só propor a produção, mas também por auxiliar na sua execução, informando novos conceitos sobre gêneros textuais, definindo-os de forma clara e sugerindo atividades de grupo que envolvam o novo gênero aprendido, além de esclarecer em que suportes o gênero circula.

A produção de textos escritos é, particularmente, abordada com atividades bem elaboradas neste LD. Ao final de cada módulo uma proposta de produção bem detalhada, apresentando textos referentes ao gênero que será executado na atividade e descrevendo passo a passo como elaborar o texto. Algumas em grupo, outras individuais, as sugestões para produção são um ponto de apoio para o professor, visto que se estabelecem como um projeto, bem planejado e pronto para ser executado, que não toma grande tempo de elaboração para o docente, apenas o necessário para preparar uma aula comum. No anexo 5, pode ser observado um exemplo completo de uma dessas propostas de atividade.

São os gêneros propostos para elaboração de textos escritos: crônica, resenha crítica e mural, carta do leitor, resumo, arquivo pessoal e carta de apresentação, e poesia. Vejamos como as autoras propõem as atividades com estes gêneros.

No primeiro momento, é feita a apresentação do conceito do gênero, logo após são informados três passos. A cada passo são colocados textos que auxiliam na compreensão do gênero e da atividade, até que esta se conclua no terceiro passo. Para a produção da crônica, por exemplo, no módulo 1 ((BELTRÃO e GORDILHO, 2006, p. 32), as autoras promovem a definição de crônica; depois propõem uma comparação entre crônica e notícia, com o intuito de promover a compreensão da diferença entre os dois gêneros; indica exercícios que fixam a comparação entre os gêneros citados e o conceito de crônica para o aluno. Vale frisar que no LD ficam também bastante claros os suportes que incorporam o gênero em questão, para quê e onde o gênero é usado.

O passo dois dedica-se à escrita do texto, onde, mais uma vez há textos propostos e atividades. Somente ao final dos exercícios a proposta de produção é concretizada. E, por fim, no passo três, Beltrão e Gordilho (2006) sugerem a organização de uma coletânea com os textos escritos pela turma e a leitura desses textos em pequenos grupos.

As sessões Produzindo textos são, deveras, muito criativas e bem explícitas. Entretanto, possuem a desvantagem de serem longas, um projeto que toma o tempo de várias aulas. Outro aspecto a ser pontuado é de que estas sessões são a única proposta de produção que o LD apresenta. Os módulos são extensos e, ao longo de um ano letivo, seriam apenas sete produções, um número baixo para um ensino que tem a produção como uma de suas prioridades.

As autoras utilizam uma relativa variedade de gêneros textuais no volume em questão. Os gêneros aparecem em quase todas as sessões. São gêneros encontrados neste LD: poema, crônica, tirinha, charge, propaganda, matéria jornalística, resenha crítica, debate, filme, carta do leitor, resumo, arquivo pessoal, carta de apresentação, letra de música, conto.

O que se percebe através desta breve análise é que já é possível identificar algumas das propostas dos PCNs, como a abordagem variada de gêneros. A utilização dos gêneros, entretanto, ainda não é realizada de forma ampla o suficiente para atingir os objetivos apontados também pelos PCNs. Faltam oportunidades para mais produções a fim de que, como orienta o documento supracitado, o professor possa avaliar uma primeira produção,

antes de iniciar o trabalho com um gênero e outra ao terminá-lo. Contudo, é possível dizer que o LD Novo Diálogo caminha no sentido de oferecer a professores e alunos a oportunidade de um ensino de Língua Portuguesa em que os gêneros textuais têm seu merecido espaço e relevância.

## 7 Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BELTRÃO, Eliana Santos; GORDILHO, Tereza. *Novo diálogo*. 1ª ed. São Paulo: FTD, 2006.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

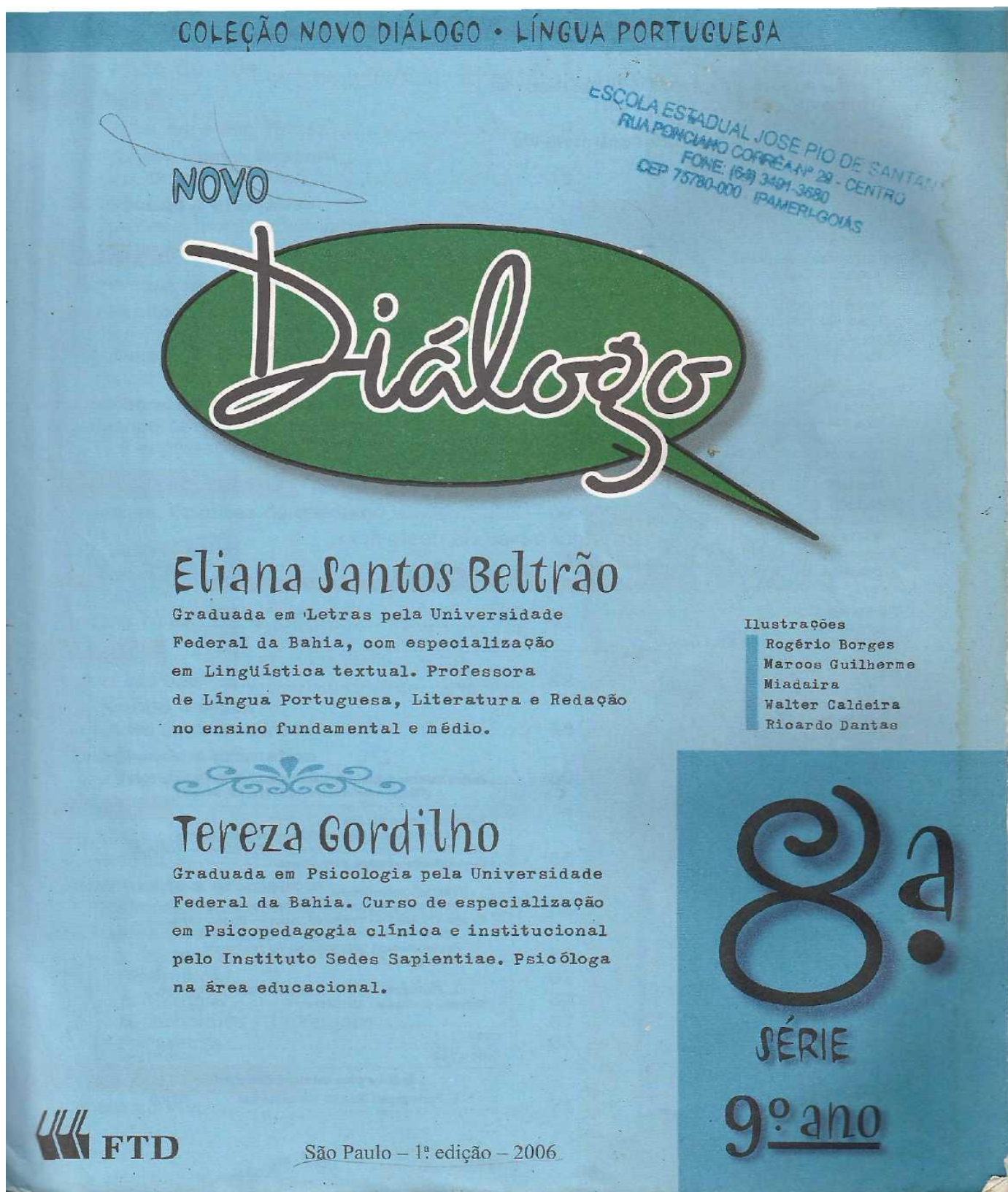
\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J.L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirré. *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

## 8 Anexos

### ANEXO 1

#### Imagem 1



## Imagem 2

## MÓDULO 1

Depende de nós... ..... 7

**TEXTO 1**

*Eu queria ter e ser*, Ferréz ..... 9

**Dialogando com a imagem**

Foto, Bruno Alves ..... 14

**Trabalhando a gramática**

Orações subordinadas substantivas ..... 15

**TEXTO 2**

*Eu sei, mas não devia*, Marina Colasanti ..... 20

**Ampliando o texto**

*Penso e passo*, Alice Ruiz ..... 24

**Trabalhando a gramática**

Períodos mistos ..... 25

**Trabalhando a ortografia**

Estudo de algumas palavras e expressões ..... 29

**PRODUZINDO TEXTOS**

Coletânea: Crônicas do cotidiano ..... 32



## MÓDULO 2

Gente brasileira ..... 41

**TEXTO 1**

*Quem são eles?* ..... 42

**Ampliando o texto**

*Os ícones de cada década* ..... 48

**Trabalhando a gramática**

Concordância nominal (1) ..... 50

**TEXTO 2**

*Os filhos que eu nunca tive*, Rachel de Queiroz ..... 56

**Trabalhando a gramática**

Concordância nominal (2) ..... 62

**Trabalhando a linguagem**

A palavra e seus significados ..... 66

Sinônimos ..... 67

Antônimos ..... 67

Hiperônimos / hipônimos ..... 67

Polissemia ..... 68

**PRODUZINDO TEXTOS**

Debate ao vivo ..... 71



## SUMÁRIO



## Anexo 2

## Imagem 3

## AMPLIANDO **O** texto

*Na poesia, o autor deixa de ser dono do que cria no momento em que o mundo entra em contato com a sua criação. Cada leitor reconstrói com imagens e palavras próprias aquilo que lê.*

### Penso e passo

Quando penso  
que uma palavra  
pode mudar tudo  
não fico mudo  
MUDO

quando penso  
que um passo  
descobre um mundo  
não paro  
PASSO

e assim que  
passo e mudo  
um novo mundo nasce  
na palavra que penso

Alice Ruiz. *Poesia pra tocar no rádio*. Rio de Janeiro, Blocos, 1999.

**Alice Ruiz** nasceu em Curitiba, em 22 de janeiro de 1946. Começou a escrever aos 9 anos de idade e foi "poeta de gaveta" até os 26 anos, quando publicou alguns poemas. Seu primeiro livro, no entanto, só foi lançado quando a autora tinha 34 anos. Foi casada com o poeta Paulo Leminski e teve três filhos. Publicou, até agora, 15 livros, entre poesias, traduções e uma história infantil, além de compor letras, tendo mais de 50 músicas gravadas por parceiros e intérpretes, entre eles Zélia Duncan, Arnaldo Antunes e Zeca Baleiro.

Fonte de pesquisa:  
[www.aliceruiz.mpbt.net.com.br/release.htm](http://www.aliceruiz.mpbt.net.com.br/release.htm)

1. A palavra **mudo** aparece duas vezes nos versos da primeira estrofe. Qual a diferença de sentido entre elas?
2. Que ações você associaria à palavra **mudo** do último verso da primeira estrofe?
3. As palavras MUDO e PASSO estão graficamente destacadas na 1ª e 2ª estrofes do poema.
  - a) Qual o efeito desse destaque?
  - b) Relacione o sentido dessas palavras ao verso da última estrofe: "um novo mundo nasce".
4. Que relação intertextual você pode estabelecer entre a crônica e o poema? Qual o elemento comum entre os dois textos?

## Anexo 3

## Imagem 4

## TEXTO

## 1

*Os textos seguintes trazem um pouco da vida de pessoas que fazem ou fizeram história. Brasileiros que, acima de tudo, ensinaram outras pessoas a gostar de aprender e a amar. Alguns reconhecidos no mundo inteiro, outros nem tanto, mas que conquistaram respeito e credibilidade a partir de ações concretas e idéias na cabeça. É assim que se faz história. Leia para saber.*

## Quem são eles?

Ilustração: Elvando Polina Imagem



“Tenho instrução superior, creio ser personalidade forte, mas não sou um cidadão integral deste país. O meu caso é como o de todos os negros deste país, exceto quando apontado como exceção. E ser apontado como exceção, além de ser constrangedor para aquele que o é, constitui algo de momentâneo, impermanente, resultado de uma integração casual.”

Milton Santos

Retirado do site: [www.campinas.sp.gov.br/portal\\_milton\\_santos/ideias\\_cidadania.htm](http://www.campinas.sp.gov.br/portal_milton_santos/ideias_cidadania.htm)

## Milton Santos

**M**ilton Santos nasceu em Brotas de Macaúbas, no interior da Bahia, em 1926. Os pais, professores primários, o alfabetizaram em casa. Aos 8 anos, já havia concluído o equivalente ao curso primário. Neto de escravos por parte de pai, foi incentivado a estudar sempre e muito.

Dos 8 aos 10 anos, por exemplo, quando vivia em Alcobaça, aprendeu francês e boas maneiras, sempre em casa, enquanto aguardava o tempo para ingressar no ginásio. Os benefícios de sua aplicação nos estudos o país nunca poderá negar, mas o geógrafo confessava uma frustração: embora Alcobaça seja um pedaço de terra entre o oceano Atlântico e um rio, Milton, sempre às voltas com livros, nunca aprendeu a nadar. Da mesma forma, nunca participou das peladas e jamais entrou num estádio de futebol. Já em Salvador, custeava suas aulas no colégio lecionando Geografia na própria escola aos alunos do que seria atualmente o ensino médio. Depois, incentivado por um tio advogado, cursou Direito. Diplomado, não chegou a exercer a profissão; prestou concurso público para professor secundário e foi lecionar Geografia em Ilhéus. Iniciou, então, carreira repleta de desafios, não raro

## Imagem 5

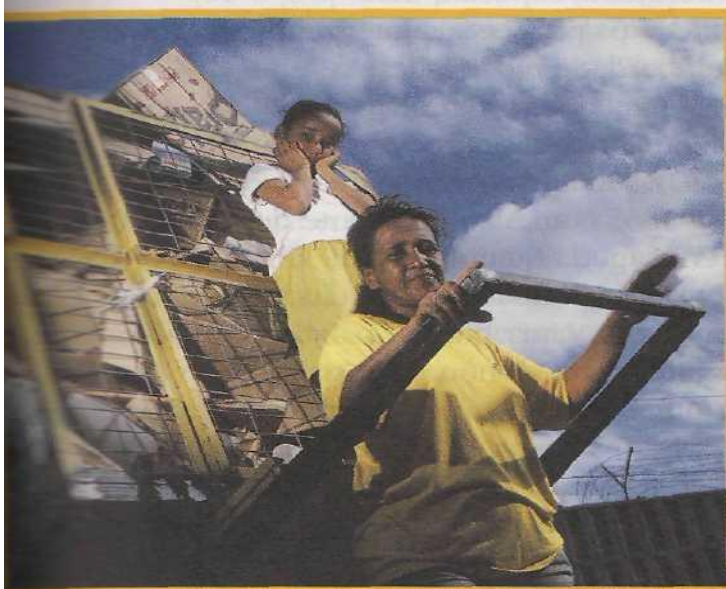
impostos pela sua condição de negro. Rodou o mundo, estudando e lecionando, numa trajetória impressionante. Aprendeu e ensinou na Europa, Américas e África. Fez trabalhar em seu favor o doloroso exílio que a ditadura militar lhe impôs por treze anos.

Milton Santos escreveu mais de quarenta livros em diversas línguas; sua obra é uma referência para todos aqueles que pretendem compreender de maneira crítica o mundo atual. Um pensador otimista, antes de mais nada, que conseguiu distinguir o novo da novidade, conceitos que ele diferenciava radicalmente.

Um geógrafo sério e combativo. Não poupou ninguém de suas severas críticas. Políticos, intelectuais, colegas de departamento e até mesmo seus alunos mais fiéis

Os cabelos brancos apareceram nos últimos tempos, mas sempre se mostrava o professor com camisas de mangas compridas e gravatas vermelhas, vestido com a mesma seriedade com que lidava com o conhecimento.

Retirado do site: [www.campinas.sp.gov.br/portal\\_milton\\_santos/vida.htm](http://www.campinas.sp.gov.br/portal_milton_santos/vida.htm)



Maria das Graças Marçal

## Maria das Graças Marçal

### A dama que veio do lixo

*A história da catadora de papel que criou código de ética e ganhou prêmio da Unesco*

**N**as últimas duas semanas, a catadora de lixo de Belo Horizonte, Maria das Graças Marçal, conhecida nas ruas como dona Geralda, esteve na agenda de celebridade. Em São Paulo, foi escolhida uma das cinco Mulheres do Ano num prêmio promovido pela revista *Claudia*, da Editora Abril. De salto alto e *tailleur*, recebeu das mãos da atriz Fernanda Montenegro um cheque de 5.000 reais. [...] Pouco depois viajou de avião a Brasília e hospedou-se com seu marido num hotel cinco estrelas. Foi buscar um prêmio concedido pela Unesco a brasileiros que se destacam em projetos de alcance social. [...]



## Imagem 6

Geralda deu um duro danado para merecer essa rotina de estrela. Ela lidera a Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Materiais Reaproveitáveis, Asmare, de Belo Horizonte. Desde sua criação, em 1990, a Asmare vem mudando a vida de dezenas de catadores de papel que viviam na indigência, perambulando pelas ruas da cidade. Eles ganharam *status* de parceiros na limpeza urbana da capital mineira. São 235 integrantes, que coletam mensalmente 450 toneladas de materiais recicláveis. De renda infame no passado, cada um recebe hoje três salários mínimos em média. Incluídas as famílias, são beneficiadas cerca de 1.000 pessoas.

Revista *Vêja*. São Paulo, Abril, 27 de outubro de 1999.

## Anita Garibaldi

**A** jovem lagunense, que morreu há mais de 150 anos, uniu-se a um revolucionário, foi soldado, enfermeira, esposa e mãe.

Em todos os papéis, sua luta sempre foi travada em nome da liberdade e da justiça.

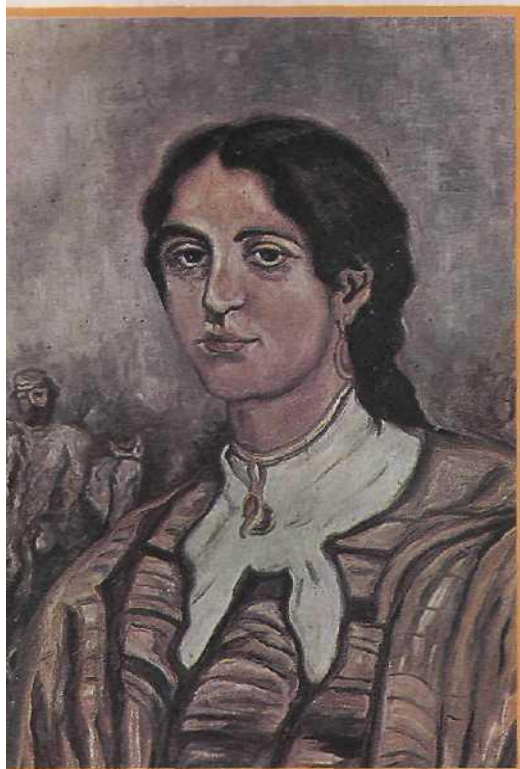
Ana Maria Ribeiro da Silva, conhecida mais tarde como Anita Garibaldi, nasceu em Morrinhos, perto de Laguna (SC). Mulher do povo, de origem humilde, casou-se em 1835 com Manuel Duarte de Aguiar. O casal morava em Laguna quando, em 1839, chegaram as tropas farroupilhas à cidade, chefiadas pelo italiano Giuseppe Garibaldi. Uma grande paixão tomou conta de Ana Maria; ela abandonou o lar para seguir Garibaldi, vivendo um romance que durou até ela morrer, dez anos depois.

Mulher corajosa e destemida, combateu ao lado do marido na Guerra dos Farrapos e lutou pela unificação italiana, tornando-se, assim, a “Heroína dos dois Mundos”.

( Sua bravura militar, nas batalhas de Imbituba e da Barra, a fuga espetacular na serra catarinense e na pequena São Simão gaúcha, a dedicação como mãe e, sobretudo, o profundo amor pelo marido, transformaram-na em mito.

Ao morrer (contava 28 anos), foi conduzida por Garibaldi triunfalmente, por meia Itália, para o túmulo em Nice. Deu seu nome a dois municípios do estado de Santa Catarina, Anita Garibaldi e Anitópolis.


Fontes de pesquisa: *Enciclopédia Delta Universal* — vol 7. Rio de Janeiro, Delta, 1980 e *Jornal A Notícia*. Joinville, 4/8/1999.



J. R. Ferreira — Anita Garibaldi. MHN, RJ

**farroupilhas:** nome dado aos rebeldes que participaram da Guerra dos Farrapos (Rio Grande do Sul, 1835-1845)

Imagem 7



## DIALOGANDO com o texto

1. Esses textos narram a trajetória de vida de quatro pessoas.
  - a) O que elas têm em comum? 4
  - b) Qual dos personagens citados você já conhecia? Por quê? 2
  - c) Com qual você mais se identificou? Por quê? 2
2. Releia o texto sobre a vida de Milton Santos.
  - a) O que as informações revelam sobre a personalidade desse homem? 2
  - b) Que características da personalidade de Milton Santos podem ser comprovadas em seu depoimento? 2
3. Com relação a Anita Garibaldi, responda.
  - a) Que fato promoveu uma mudança radical em sua vida? 1
  - b) Que motivo a tornou uma heroína no Brasil e na Itália? 3
  - c) Que fatos a transformaram em um mito? 2
  - d) Observando a seleção de informações e a escolha dos adjetivos empregados no texto, o que podem revelar sobre a visão do autor em relação à Anita Garibaldi? 4
4. Analisando a vida de Maria das Graças Marçal, “a dama que veio do lixo”, e a de Anita Garibaldi, o que se observa de semelhante quanto à personalidade de ambas? 3
5. A expressão que caracteriza dona Geralda — “a dama que veio do lixo” — contém um interessante jogo de palavras; qual é o efeito que essa expressão produz como subtítulo do texto? 5
6. O texto sobre Renato Russo contém opiniões, característica que não aparece nos demais textos. -

## Anexo 4

## Imagem 8



# TRABALHANDO A GRAMÁTICA

## CONCORDÂNCIA VERBAL (1)



### IDENTIFICANDO

1. Leon Eliachar explica de forma criativa e bem-humorada a utilidade de algumas “invenções”. Leia.

**Buzina com desaforos:**  
 Numa só operação você quebra dois galhos: assusta o motorista da frente e lhe diz logo o que pensa dele.





**Tapetes com aspiradores:** Dispensam o uso de vassouras e empregadas: eles próprios absorvem a sujeira pra debaixo de si mesmos.

Leon Eliachar. *O homem ao meio*, pág. 236. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1979.

- Que “invenção” você achou mais interessante? Por quê?
- No trecho “Buzina com desaforos”, o sujeito da primeira oração está expresso. Qual é o sujeito das demais orações? Como se classificam?

Anexo 5

Imagem 9

# Produzindo TEXTOS

## Poesia sem fronteiras

Dizem que a poesia, a pintura e a música são tão importantes quanto o ar que respiramos. É certo que tanto as grandes obras de arte como a poesia pedem múltiplos olhares, oferecem visões plurais, “guardam” tesouros para serem descobertos...

A proposta deste módulo é a escrita de poemas inspirados nas cenas do cotidiano, ou em qualquer manifestação artística. No final, a classe vai espalhar poesia, montando móveis poéticos que serão pendurados na classe, nos corredores, nos espaços comuns da escola.

Siga as etapas...

### ... Passo a passo

- I. **Onde está a poesia?** • explorando a poesia
- II. **Carpintaria poética** • escrevendo poemas
- III. **Um poema para “guardar”** • espalhando poesia

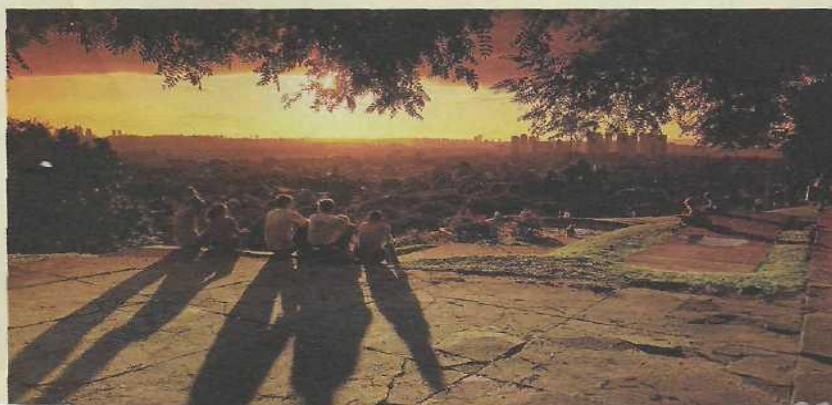
### I. Onde está a poesia?

- explorando a poesia

A poesia pode assumir diversas configurações visuais e ser veiculada em diferentes materiais, além de poder estar presente nos gestos, na dança, na pintura; pode ser reconhecida em uma escultura, na cena de um filme, em uma fotografia.

1. Observe a coletânea de imagens a seguir e experimente o seu “olhar de poeta”.

Caro(a) aluno(a),  
Nesta etapa, você vai observar como a poesia pode se manifestar de várias formas.



PhotoDisc/Getty Images